



Revista Portuguesa
de

irurgia

II Série • N.º 14 • Setembro 2010

Formação em hospitais não universitários

José Augusto Gonçalves

É necessário em primeiro lugar definir os vários tipos de Hospitais não Universitários que prestam formação post graduada, uma vez terem características e problemas um pouco diversos.

Existem essencialmente dois tipos: Primeiro, os grandes Hospitais Centrais situados nas grandes cidades ou na sua periferia, possuidores de praticamente todas as valências, com grande capacidade instalada e grandes recursos humanos de grande diferenciação, e que à partida terão, se fôr essa a sua vocação e vontade, condições ideais para assumir uma boa formação cirúrgica; o outro grupo, com características e problemáticas completamente diferentes é constituído por Hospitais de média dimensão, habitualmente mais ou menos afastados dos grandes centros, não possuindo todas as valências, denominados classicamente como antigos Hospitais Distritais. É sobre este segundo grupo, responsável pela formação de uma fracção significativa dos Internos de Especialidade que nos iremos debruçar.

A abertura nos anos setenta de modernas unidades hospitalares que rapidamente acolheram uma significativa diáspora cirúrgica oriunda dos Hospitais Centrais, que rapidamente fez escola, criou condições para a descentralização do ensino cirúrgico passando muitos deles a ter a nobre e difícil missão da participação no ensino post graduado. Surgiram assim Serviços oficialmente, e com toda a justiça, considerados com idoneidade e capacidade formativa para assumir o Internato de Especialidade de Cirurgia Geral.

Óbvio que não existe um modelo único havendo eventuais assimetrias relacionadas com a vocação e a diferenciação dos recursos humanos, com

a capacidade técnica e organizativa, com as características da área de influência do Hospital, quer sob o ponto de vista quantitativo quer pela diversidade da patologia e ainda com a sensibilidade e compreensão das Administrações, Direcções Clínicas e Direcções de Internato.

Alguns deles são Hospitais com boas e funcionais instalações, com Serviços cirúrgicos de dimensão adequada para o ensino, alguns com quadros médicos completos e hierarquizados. A existência do ensino teve um efeito extremamente positivo para esses Hospitais levando a que os Serviços se tenham organizado, diferenciado e criado condições para a missão do ensino post graduado numa acção concertada com as Direcções Clínicas e Direcções de Internato. Pelas suas características é habitualmente muito fácil a integração dos Internos na dinâmica hospitalar, permitindo uma grande vivência e boa interrelação com todas as especialidades, com um bom sentido de participação e responsabilidade.

Têm normalmente Serviços de Urgência apoiados por UCIs com uma muito razoável afluência de doentes cirúrgicos incluindo politraumatizados, o que tem permitido uma boa formação dos Internos neste campo.

A dinâmica no internamento permite uma grande rotação proporcionando boa experiência em cirurgia electiva, permitindo a construção de curriculos de diferenciação crescente e equilibrados, sendo fundamental aqui a acção, o espírito pedagógico e a dedicação do Tutor. Apesar de se poder pôr em dúvida actualmente a existência de Tutores únicos ao longo de todo o Internato, eles são ainda uma peça fundamental no



acompanhamento da aprendizagem, e a eles se devem pela sua dedicação, muita da qualidade dos resultados finais dos Internatos.

É felizmente uma regra a boa qualidade dos blocos operatórios e a facilidade de acesso às novas tecnologias. Existe a preocupação constante de fomentar a frequência dos Internos em Congressos e acções de formação específicas.

A frequência dos estágios obrigatórios é fundamental para a formação dos Internos, não só pela sua essência, mas também pela oportunidade da vivência de outras estruturas e outras práticas. A sua selecção deve ser orientada pelo Tutor e deverá obedecer a critérios de qualidade conhecidos e a capacidade formativa real de modo a não prejudicar o ritmo do Internato.

Apesar das assimetrias, existem contudo muitas características em comum que permitem diferenciar os Hospitais Universitários dos médios Hospitais não Universitários.

Estes últimos, e pelas funções a que são obrigados, são unidades de intenso trabalho, com um excessivo consumo pessoal e sem o ambiente próprio que favoreça facilmente um trabalho sereno de reflexão. A limitação relativa dos quadros obriga a horários semanais, especialmente dos Internos, que facilmente ultrapassam as 60 horas. Os Serviços de Urgência (Externa e Interna) consomem directa ou indirectamente grande parte da actividade, sendo os Internos de Especialidade peças activas e fundamentais para o cumprimento de todas as tarefas, integrados em equipas muitas vezes insuficientes.

Esta realidade, de ritmo intenso de trabalho, permite a existência de boas condições de aprendizagem prática, com boas diferenciações curriculares qualitativa e quantitativa, especialmente na cirurgia de urgência.

É infelizmente uma realidade, salvo honrosas e felizmente crescentes excepções, a reduzida produção científica credível produzida nestes Hospitais e que se repercute inevitavelmente na formação e nos currículos dos Internos.

É necessário, dadas as condições, um esforço acrescido por parte das Direcções de Serviço e dos Tutores

para manter um bom nível científico indispensável à formação dos Internos em alguns destes Hospitais que obviamente não têm a tradição, as estruturas de ensino, as condições, a prática pedagógica e o ambiente próprio de um Hospital Universitário completamente vocacionado para o ensino pre e post graduado.

Apesar destas limitações estes Hospitais continuam a ser uma peça fundamental na estrutura do ensino post graduado com bons resultados ao longo dos anos formando Internos

Pensamos que poderia ser uma boa prática para o futuro a afiliação, mesmo que só officiosa, de Serviços destes Hospitais com Serviços de Hospitais Centrais e Hospitais Universitários com relações de interesse bilateral quer sob o ponto de vista científico, quer sob o ponto de vista prático.

Esta colaboração poderia permitir diminuir o relativo isolacionismo entre Instituições com a realização de reuniões clínicas, programas comuns de produção científica, e inclusivamente intercâmbio dos Internos por pequenos períodos em regimen de estágio.

Temos contudo de reconhecer que as condições de hoje não são iguais às das décadas anteriores. As reformas e as alterações do passado recente nos Hospitais alteraram de algum modo e de uma maneira crescente as condições para o exercício da formação post graduada. A gestão preponderantemente administrativa dos Hospitais com preocupações cegas de produção numérica, as limitações orçamentais, o fim das Carreiras, a instabilidade contractual e a sangria de quadros no regimen de reformas antecipadas levou a uma nova realidade que se repercute inevitavelmente nas condições para a formação.

É sem dúvida uma fase mais difícil que será, não temos dúvida, superada com o bom senso e esforço de todos, na reposição das condições essenciais para o ensino de bom nível.

Cabe à CNIM e às CRIM mas especialmente ao Colégio da Ordem dos Médicos uma análise cada vez mais rigorosa na avaliação da Capacidade Formativa e Idoneidade dos Serviços de todos os Hospitais com missão formativa.

